

JAMES PATTERSON

E MICHAEL LEDWIDGE

ZOO





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

PRÓLOGO

TUDO ACONTECE
NO ZOOLÓGICO

*Zoológico de Los Angeles
West Hollywood, Califórnia*

Situados no Griffith Park – numa extensão de terra de 1.600 hectares contendo dois campos de golfe de dezoito buracos, o Autry National Center e o famoso letreiro de Hollywood –, o Zoológico e o Jardim Botânico de Los Angeles são mais uma atração turística do que uma instalação para conservar a vida selvagem.

Mantido por instáveis fundos municipais, o zoológico mais parece uma feira estadual dilapidada. Latas de lixo transbordam nos desbotados caminhos de concreto. É comum sentir o fedor de pilhas de excremento emanando de jaulas que abrigam animais esqueléticos e imóveis, de olhar vazio, acossados por moscas sob o inclemente sol da Califórnia.

No lado nordeste do portão de entrada, o cercado dos leões é rodeado por um fosso de concreto coberto de limo. Em outros tempos – se você se esforçasse bastante –, poderia lembrar um pouco a paisagem do Serengeti. Mas, nos dias atuais, com manutenção precária, verbas minguadas e poucos funcionários, parece ser apenas o que é: um cercado de concreto com terra socada, salpicado por grama falsa e árvores de plástico.

Às 8h05, já faz calor nesse espaço aparentemente vazio. O único som é um leve farfalhar de um tufo escuro serpenteando para a frente e para trás na moita artificial. De repente, o som e o movimento cessam. Em seguida, a uns 5 metros ao sul, algo grande sai de trás de uma pedra feita de compensado.

Com a cabeça erguida e os olhos amarelados brilhantes, Mosa, a leoa, atravessa o cercado com uma velocidade espantosa em direção ao movimento no mato. Mas, em vez de saltar na moita, no último momento ela dá uma cambalhota, levantando poeira por todo lado, e volta a se erguer.

Afundado na relva está Dominick, parceiro de Mosa e macho dominante entre os leões de Transvaal, vindos do sudeste da África. Mais velho que

a leoa, ele sacode a juba arruivada e olha para ela com frieza. Como vem acontecendo com frequência nas últimas semanas, Dominick está tenso, resabiado, sem disposição para brincadeiras. Pisca uma vez e volta a agitar a cauda em meio à grama alta.

Mosa olha para ele, depois para a cerca dos fundos, para a grande bola de borracha que ganhou de um dos tratadores há pouco tempo. Por fim, inclina-se lentamente para roçar o focinho na juba de Dominick, dando-lhe uma lambida de desculpas. Então, passa a lamber a poeira de suas enormes patas enquanto os grandes felinos amontoam-se sob o céu azul berrante da Califórnia.

Há algo estranho acontecendo esta manhã. Para os leões, como para quaisquer mamíferos sociais, a vocalização tem um papel importante na comunicação. Eles emitem sons ao se envolver em disputas sexuais e territoriais ou ao coordenar alguma estratégia de defesa contra predadores. Ao longo das últimas duas semanas, Mosa e Dominick ficaram cada vez mais silenciosos. Agora estão praticamente mudos.

Os dois leões sentem o cheiro do tratador bem antes de ouvirem o tinido da corrente da cerca, a mais ou menos 50 metros de distância, e reagem como nunca antes. Os dois ficam em pé. As caudas se enrijecem. As orelhas se viram para a frente e os pelos se eriçam visivelmente no dorso.

Assim como os lobos, os leões caçam e preparam emboscadas em grupos coordenados. O comportamento apresentado pelos dois revela um estado de prontidão para atacar uma presa.

Dominick sai da grama para a clareira. Mesmo para os padrões de um leão, ele é enorme: 225 quilos, quase 3 metros de comprimento e mais de 1,30 metro das patas às omoplatas. O rei da selva fareja o ar e, captando mais uma vez o cheiro humano, avança em sua direção.

Terrence Larson, ex-técnico de iluminação da Paramount e tratador assistente dos grandes felinos do zoológico, abre o portão de ferro externo do cercado dos leões e enfia o gancho numa fenda para mantê-lo aberto. Musculoso e de meia-idade, o funcionário municipal espanta as moscas enquanto arrasta para dentro um balde de plástico vermelho com o desejo dos leões, quase 12 quilos de ossos compridos e cubos de carne sangrenta.

Depois de avançar alguns passos, lança a carne por cima da cerca de proteção de arame à altura do peito e recua alguns passos. A comida cai na terra com um baque pegajoso. Ao lado da porta exterior aberta, ele emborca o balde e senta em cima. Sabe que deveria ficar atrás da cerca exterior, bem trancada, enquanto observa os leões comerem, mas é o fim de semana do Quatro de Julho e todos os chefes estão de folga, então qual é o problema?

Ficar sentado com os leões no cercado de manhã, antes de o zoológico abrir, é o melhor momento do dia de Larson. Tommy Rector, o jovem chefe do departamento dos grandes felinos, prefere os felinos menores, mais delicados e afetivos, como os jaguares e os lince. Mas Larson é apaixonado por leões desde os 7 anos, quando visitou um circo dos Irmãos Ringling. Ele acha que existe uma razão para esse animal ser símbolo de poder, perigo e mistério; um motivo para que homens famosos por sua força – Sansão e Hércules, por exemplo – tenham precisado lutar contra essas feras. A graça física e a extraordinária beleza também o surpreendem, mesmo depois de quinze anos trabalhando no meio deles. Assim como no tempo em que trabalhava no cinema, Larson costuma dizer aos amigos que nem consegue acreditar que seja pago para fazer esse trabalho.

Larson tira um maço do bolso da camisa safári cáqui e coloca um cigarro entre os lábios, mas então o rádio preso à bermuda militar emite um bipe agudo de alarme. Larson o pega, tentando imaginar qual seria o problema, quando a voz de taquara rachada de Al Ronkowski, do departamento de manutenção, soa fanhosa em meio à estática, vociferando que alguém estacionou o automóvel na vaga dele.

Larson solta uma risada rouca e baixa o volume do rádio. Após acender o cigarro, exala a fumaça pelas narinas em dois filetes idênticos enquanto observa a grama do outro lado do cercado de 3 mil metros quadrados. Fica pensando onde diabos podem estar os leões. Em geral, quando ele abre o portão, Mosa está à sua espera, como um gato que chega correndo ao ouvir o som de um abridor de latas elétrico.

Quando escuta o baque na água, Larson joga o cigarro fora e se levanta. Pânico.

O quê? *Ah, não! O fosso?*

Há uma passagem elevada e uma plataforma de proteção para evitar que os leões caiam na água, mas certa vez nada disso impediu um deles de cair. Os funcionários levaram duas horas para arrastar uma Mosa assustada e ensopada para terra firme.

Era só o que faltava, com os chefes fora e metade dos funcionários de folga: salvar um leão de 180 quilos molhado e furioso.

Entrar numa jaula sem ninguém de apoio é definitivamente uma prática indesejável, mas algo frequente na realidade de um dia de trabalho. Larson abre depressa o portão dos tratadores e corre até a beira do muro construído acima da linha d'água.

Ele solta um suspiro de alívio ao avistar uma das bolas de exercício suecas flutuando no fosso. Esqueceu-se daquelas bobagens. Então é só isso. Mosa deu um jeito de empurrar a bola da plataforma. Algo assim. Ufa.

Larson estaca de repente ao começar a se afastar. Fica parado na beirada do fosso, piscando. Dominick, o leão, está entre ele e o portão aberto: imóvel, a cauda ondulando com uma regularidade estranha, os olhos cor de âmbar fixos no rosto do tratador. O desjejum jaz intocado ao seu lado. Continua imóvel, grandioso, em silêncio, fitando Larson com aqueles olhos flamejantes.

Larson sente a boca ficar seca quando o imenso felino avança e depois recua, como um pugilista dançando num ringue.

Ele está tomando posição, pensa Larson consigo mesmo o mais calmamente possível, enquanto tenta manter-se imóvel. Claro, o velho gato está apenas surpreso com a presença dele ali, no meio do seu território. Larson sabe que, na floresta, esse leão rabugento de 20 anos há muito já teria sido morto por um jovem desafiante que desejasse suas fêmeas.

Larson percebe que está numa situação difícil. Pensa no rádio, mas prefere não usar o aparelho. Pelo menos por enquanto. Ele já esteve na jaula de Dominick antes. O velho só está botando banca. Logo vai se cansar daquele joguinho de intimidação e começar a comer. Dominick conhece Larson há anos. Conhece o seu cheiro, sabe que não se trata de uma ameaça.

Além do mais, se o pior acontecer, Larson ainda tem o fosso atrás. Com três passos, ele ficará seguro do outro lado. Molhado, constrangido e talvez com um tornozelo quebrado, mas, quando os outros tratadores vierem socorrê-lo, ainda estará vivo e com as vísceras dentro do corpo, bem onde quer que permaneçam.

– Ei, ei, meu amigo – diz Larson, sussurrando, ciciando, como para fazer um bebê dormir. – Eu gosto muito da sua Mosa, mas ela não faz o meu tipo.

Larson mais sente do que vê o movimento à sua esquerda. Vira-se a tempo de avistar alguma coisa surgindo da grama, maciça, amarelada, levantando uma coluna de poeira no ar ao avançar em sua direção, ganhando velocidade.

O tratador não consegue dar sequer um passo antes de Mosa saltar. A cabeça bate em seu peito como uma bola de demolição, arremessando-o longe. Ele cai de costas a 3 metros de distância e todo o ar é expulso dos seus pulmões.

Larson fica deitado, aturdido. Seu coração bate tão rápido e forte que ele imagina se não está tendo um ataque cardíaco. Seus pensamentos se evaporam no momento em que ele ouve o rugido grave de Mosa.

Quando Larson tenta pegar o rádio, Mosa apoia uma pata em seu ombro e abocanha-lhe o rosto. Os grandes caninos furam seus olhos ao mesmo tempo que os incisivos inferiores penetram-lhe a mandíbula com facilidade.

Larson parece uma boneca de pano indefesa quando Mosa sacode sua cabeça de um lado para outro. Então, o pescoço se quebra com um estalido semelhante ao de um lápis se partindo, o último som que seu cérebro registra antes da morte.

Mosa rosna e solta o tratador morto. Usa a unha do que seria o polegar da pata direita como palito de dentes para retirar uma lasca de carne. O que restou do relógio de Larson cai na terra enquanto ela lambe o sangue da boca.

Agora já alimentado, Dominick começa a correr na direção do portão aberto. No final do corredor cercado, os dois leões passam pela pequena jaula de transição por onde são conduzidos pelos tratadores quando precisam de cuidados médicos. Mas não é disso que estão precisando agora.

Os dois percorrem rapidamente o grande pátio de atendimento aos leões. No lado oposto, perto das mangueiras, encontram um portão baixo que se abre para a passarela de concreto do zoológico. Mosa e Dominick transpõem o portão com facilidade e logo estão correndo pelas alamedas vazias. Saltam as catracas e contornam o estacionamento até o aglomerado mais próximo de carvalhos e nogueiras do Griffith Park.

Sobem uma colina salpicada de arbustos e descem pelo outro lado. Sentem mais uma vez o cheiro humano na brisa cálida. Localizam a fonte um instante depois, no gramado de uma das pistas de golfe. É um jovem negro e bonito, de camiseta vermelha e calça preta, completando um circuito de nove buracos antes de ir trabalhar. Ele fica surpreso ao ver os leões ali.

Dominick arremete, derrubando o homem de lado. A mordida mortal arranca o pescoço quase inteiro do golfista em meio a um grande afluxo de sangue.

O leão larga o homem morto e recua devagar quando um carro de polícia surge ao longe no lado norte. Fareja outros humanos dentro daquela caixa brilhante e barulhenta. Quer atacar, mas sabe que aquilo é feito do mesmo material frio e duro de sua jaula.

Os dois correm para a cobertura das árvores. No alto da colina, Dominick para um momento, observando a cidade. Los Angeles se estende lá embaixo, um campo amarronzado de humanidade; a vista tremula por causa da fumaça e do calor da manhã, as margens dissolvendo-se num borrão.

O cheiro fica mais forte, vindo de toda parte. Dos edifícios e das casas, das avenidas, dos minúsculos automóveis serpeando nas estradas. O ar se enche desse cheiro. Em vez de se afastar, Dominick e Mosa avançam nessa direção, as garras ansiosas pela caça, as bocas sôfregas por sangue.

LIVRO UM

O COMEÇO DO FIM

Capítulo 1

Acordei tremendo.

Primeiro entrei em pânico, achando que estava tendo um derrame ou coisa assim. Depois de abrir os olhos, lembrei, aliviado, que não era eu que estava tremendo: era o meu apartamento.

De além da empoeirada fileira de janelas em estilo industrial ao lado da minha cama, vinha um som que parecia um regimento de gigantes batendo ritmicamente no concreto com a coronha dos fuzis num grande desfile. Mas não eram os heroicos fuzileiros. Eu sabia que era o Número 1 local passando pelo elevado da Broadway, levantando os mortos dos túmulos e estremecendo meu novo loft no quinto andar do Harlem. Eu ainda não tinha me acostumado àquele trem.

Fiz uma careta e cobri a cabeça com o travesseiro. Inútil. Só em Nova York alguém se dispõe a pagar pelo privilégio de dormir ao lado do elevado do metrô.

Mas eu estava com tão pouco dinheiro que não podia me dar ao luxo de reclamar. Sentei na cama. Nem ao menos podia me dar ao luxo de dormir. Tampouco podia me dar ao luxo de pensar em dinheiro. Já tinha gastado tudo e mais alguma coisa; meu crédito estava no buraco. Àquela altura, minha vida inteira se resumia a uma única necessidade: resolver uma situação antes que fosse tarde demais.

Nem sempre as coisas foram tão terríveis. Apenas dois anos atrás, eu morava num apartamento que não estremecia e estava prestes a concluir o doutorado pela Universidade de Colúmbia. Era o menino de ouro do departamento de ecologia, evolução e biologia ambiental, tão próximo dos maiores que já podia sentir o aroma dos contratos para escrever livros, das festas comemorativas e dos cargos universitários bem remunerados.

Mas então ocorreu o evento – equívoco, para os outros – que mudou tudo.

Eu notei uma coisa que não estava certa. Que eu não conseguia ignorar.

Às vezes a vida é assim. Ela vai fluindo como um conto de fadas, aí a gente vê uma coisa que não consegue classificar, que começa a permear todos os seus pensamentos, todos os seus sonhos, todos os momentos de vigília.

Pelo menos foi assim que aconteceu comigo. Num minuto eu estava prestes a alcançar a excelência acadêmica; no seguinte, lutava contra algo em que não conseguia parar de pensar, que não conseguia descartar, nem mesmo enquanto meu mundo desabava.

Eu sei que isso deve parecer loucura. Uma expectativa intelectual que vira obsessão, a ponto de substituir o valor do sucesso convencional. Isso costuma acabar muito mal. Acabou mal para Ted Kaczynski, o gênio da matemática que virou terrorista, e para Christopher McCandless, o garoto de *Na natureza selvagem*, que morreu naquele ônibus no Alasca.

Mas eu não era um contestador nem um místico tentando estabelecer uma conexão profunda e intrínseca com a realidade. Eu estava mais para um Chicken Little biólogo evolucionista, só que, em vez do céu, era a vida na Terra que estava desmoronando. Todo o reino animal. Uma coisa muito, muito esquisita e muito, muito ruim estava acontecendo, e eu era a única voz chamando a atenção para esse fato.

Antes de continuar, preciso me apresentar: eu me chamo Oz. Na verdade, Jackson, mas ninguém usa o prenome com um sobrenome como o meu. Infelizmente, meu pai também é conhecido como Oz, além de minha mãe, minhas três irmãs, meus tios e todos os primos do lado paterno. Logo, há muita confusão em reuniões de família, mas isso não vem ao caso.

O que vem ao caso – com força total – é o problema que eu vinha monitorando, o problema global a que eu mais ou menos dedicava minha vida.

Soa como algo grandioso, eu sei, mas meu medo era que, se eu estivesse certo – e pela primeira vez na vida eu sinceramente esperava estar errado –, estaria ocorrendo uma alteração do paradigma planetário que ia fazer o aquecimento global parecer um passeio de domingo num jardim orgânico comunitário.

Capítulo 2

Pulei da cama usando uma calça cinza amassada com que a Air France me presenteou na minha última viagem a Paris. Depois de tomar banho, fazer a barba e escovar os dentes, voltei a vestir meu pijama francês bacana. Trabalhar em casa tem suas vantagens. Certo, “trabalhar” implica ganhar dinheiro. Mas esse era outro tipo de trabalho. Enfim, o pijama era realmente confortável.

Ao sair do banheiro, peguei outro objeto valioso pendurado na maçaneta: meu gorro de lã vermelho-sangue, que comprei numa recente viagem ao Alasca. Fiz as cem flexões diárias, um hábito que adquiri em outra excursão, num período de quatro anos servindo o Exército dos Estados Unidos antes da faculdade.

Terminados os exercícios, tomei o rumo do meu escritório. Liguei os estabilizadores de proteção a sobrecargas e dei partida nos aparelhos de TV alinhados sobre uma bancada de metal no centro da sala, que mais parecia uma linha de montagem. Oito televisores ao todo. Alguns eram modernos, de tela plana, mas a maioria tinha sido montada com sucata que recolhi fuçando ferros-velhos depois da revolução digital. Atrás deles, um nó górdio de fios ligados a caixas de cabos e receptores de satélites e uma série de notebooks e servidores de computador que transformei no maior e mais irado DVR do mundo.

Enquanto esperava tudo aquilo reiniciar, tomei meu primeiro Red Bull do dia. A passagem de outro Número 1 acelerou meus batimentos cardíacos e mandou uma nuvem de poeira pela janela. Pode me chamar de louco – vai nessa, você não seria o primeiro –, mas, depois do choque inicial, eu meio que comecei a gostar da trilha sonora propiciada pela companhia do metrô. Não sei por quê, mas, desde a infância até o dia em que ganhei

minha bolsa de estudos da Rhodes University, meu cérebro superativo sempre tendeu a disparar todos os neurônios se fosse cercado por alguma barulheira. Meu negócio era o AC/DC das antigas. Metallica, Motörhead, tudo com o volume no máximo.

Olhei para as telas piscando e me lembrei do meu pai, tenente do Corpo de Bombeiros de Nova York, assistindo ao noticiário noturno. Depois de um alarme tipo 4 no Bronx, ele voltava para casa, desabava na frente da televisão e, no primeiro intervalo, depois de uma ou duas cervejas Miller High Life, costumava dizer: “Oz, meu garoto, às vezes eu acho que esse nosso mundo não passa de um maldito zoológico.”

À minha frente, animais começavam a preencher as telas de TV. Um monte deles. Todos se comportando muito mal.

Acho que os pais realmente sabem das coisas, pois era isso que estava acontecendo. O mundo estava se tornando um zoológico, mas sem jaulas.

Capítulo 3

Recostando-me na cadeira de escritório comprada numa venda de garagem, tirei um bloco em branco da pilha no lado direito da minha mesa, peguei uma caneta e escrevi uma data.

Aumentei o volume no aparelho número 4.

– Os corpos de um caçador de 72 anos e de seu filho de 51 anos foram encontrados ontem – disse a correspondente da WPTZ em Plattsburgh, no norte de Nova York, uma morena bonita num casaco vermelho, segurando o microfone como se fosse uma taça de vinho. – Os dois parecem ter sido mortos por ursos-negros durante uma caça ilegal perto de Lake Placid.

A imagem cortou para um jovem patrulheiro numa entrevista coletiva. Cabeça raspada, meio desengonçado. Moço do interior, pouco à vontade na frente das câmeras.

– Não, não foi possível salvar nenhum dos dois – dizia ele; os pés e os dês explodiam no microfone. – Eles já estavam mortos havia muito tempo, parcialmente devorados. O que continua nos intrigando é a forma como aconteceu. As armas deles estavam completamente carregadas.

Encerrou seu relato afirmando que pai e filho eram caçadores conhecidos, adeptos de um método de caça ilegal que usava cães para perseguir e encurralar veados.

– De volta aos estúdios, Brett – disse a morena.

– Má notícia, Brett – falei enquanto emudecia o aparelho 4 e aumentava o volume do 8. *Blip, blip, blip*, as barras verdes iam surgindo na tela.

Um noticiário da NDTV, uma espécie de versão indiana da CNN, estava começando:

– Um treinador de elefantes de Kerala foi morto ontem enquanto adestrava seus animais – informava o âncora de meia-idade, que tinha um bi-

gode e um penteado à la Bollywood; havia um quê de Clark Gable nele.
– Alertamos que as imagens a seguir são fortes.

Ele não estava brincando. Uma elefanta, amarrada numa estaca na praça de uma aldeia, pisoteava um homem na frente dela. Depois envolvia a perna dele com a tromba e o jogava para cima.

O locutor explicou que o ataque havia ocorrido quando a mamãe elefanta foi separada do filhote durante um ritual de treinamento conhecido como *phajaan*.

Eu já tinha ouvido falar. Também conhecido como treinamento por tortura, *phajaan* é a maneira preferida de treinar elefantes em áreas rurais da Índia. Um filhote é separado da mãe e preso, para que os aldeões batam neles com ferros quentes e espetos com pregos nas pontas. O brutal espancamento continua até o filhote se deixar montar ou morrer.

– Acho que mamãe não concordou com o método – falei ao treinador que morria na tela.

Mas a *pièce de résistance* foi a última notícia que vi na Fox News no aparelho 2. A Barbie na tela informou que dois leões do zoológico de Los Angeles não apenas tinham fugido depois de matar o tratador, como também devoraram outro sujeito num campo de golfe lá perto. Na tela, meia dúzia de policiais armados de M16 isolava um quarteirão cercado de palmeiras; ao redor havia um bando de gente da zoonose trajando macacões brancos.

– Os leões foram vistos pela última vez nas proximidades de La Brea, perto de Beverly Hills – dizia Megyn Kelly, os olhos inexpressivos grudados no teleprompter.

Larguei minha caneta. Eu estava puto, puto, puto. A pele comichando, o coração martelando. Será que estava todo mundo dormindo? Hipnotizado? *Será que todo mundo estava chapado?*

Peguei a caneta de novo e rabisquei três letras no bloco com força, quase rasgando o papel: *C A H !!!!!!!*

Joguei o bloco do outro lado da sala.

– Quando é que vocês vão *perceber*? – bradei para meu painel de mídia.
Hora de mais caféina.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br